

DA FORÇA FÍSICA À ESTÉTICA CORPORAL: AS MUDANÇAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS RETRATADAS NO CORPO

Vilson Aparecido da Mata*

RESUMO. O presente trabalho tem por objetivo retratar as formas de entendimento do corpo em momento histórico de transição, a partir de Locke e Rousseau. Tendo em vista o recuo da oferta de emprego e o constante desenvolvimento tecnológico, percebemos que o corpo passa a ocupar um lugar diferente daquele que o caracterizou na ascensão da sociedade burguesa. Tanto em Locke quanto em Rousseau, a educação do corpo ocupa um lugar importante na formação do indivíduo; isso porque é através do trabalho corporal que se obtêm os bens materiais indispensáveis à vida naquele momento; por isso, o exercício físico é tão importante para esses autores. As transformações no processo do trabalho, da origem da sociedade burguesa até nossos dias, mostram a tendência de substituir a força física pela mecânica e valorizar as qualidades individuais, como a estética e o cuidado com o corpo. Essa tendência não se circunscreve apenas à esfera do interesse individual, mas demonstra as exigências sociais que se constroem no fazer diário dos homens ao lutar pela existência. Neste momento em que o trabalho corporal torna-se cada vez mais dispensável e a demanda por uma estética padronizada do corpo se impõe como exigência do mercado de trabalho, é necessário pensar o papel da educação e, particularmente, da educação física na formação do indivíduo e retomar os conteúdos históricos para melhor entender as formas de luta pela existência que se impõem. No corpo, estão tatuados os ideais de homem que se tem a cada momento histórico.

Palavras chave: trabalho, educação física, corpo.

FROM PHYSICAL STRENGTH TO CORPORAL AESTHETICS: SOCIAL RELATIONSHIP TRANSFORMATION IMPRESSED IN THE BODY

ABSTRACT. Based on Locke and Rousseau, the aim of the present article is to describe the forms of body understanding in that transitional historical period. Taking into account the unemployment increase in a period of a steady technological development, the human body is seen as occupying a different place from that by which it was characterised in the rising bourgeois society. Both in Locke and Rousseau, body building has an important place in the individual education, since material goods necessary to life produced through physical effort in that time. That is why physical exercise is so important for these authors. Work process transformations, from the beginning of the bourgeois society up to now, show a tendency to replace physical strength by mechanical power and emphasize individual qualities such as body building and aesthetics. This tendency is not limited to the sphere of individual interests, but shows the social demands formed in man's daily struggles for life. Nowadays, when physical effort becomes more and more unessential and a standardised corporal aesthetics is required by the market it is necessary to rethink the role of education and specially physical education in the individual development and recuperate the historical contents to better understand the forms of struggle for life. Each historical period impresses man's ideals in his body.

Key words: work, physical education, body.

* Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná. Mestrando em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

Endereço para correspondência: Rua Osvaldo Cruz, 254, apartamento 306, Zona 07. CEP: 87020-200, Maringá, Paraná. Fone: (044) 262-6386.

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta faz parte de um estudo que pretende resgatar as formas de entendimento que se tem do corpo em diferentes momentos históricos da humanidade, analisando e buscando compreender como os diferentes ideais de homem se consubstanciam em seus corpos, e como esses ideais servem de modelo para as gerações futuras e se constituem em formas educacionais de uma época determinada. Tais ideais se concretizam a partir da maneira pela qual os homens lutam por sua sobrevivência nas diferentes épocas. Resgatar as formas como a **cultura corporal**¹ foi sendo construída e como foi adquirindo, ao longo da história, importância e influência sobre o modo como o homem entende a si mesmo e como produz sua própria existência pode ajudar a vislumbrar com maior clareza a forma como essa cultura influi nas ações dos homens da atualidade, em sua organização social e na maneira como o corpo é tomado dentro da organização educacional.

Considerando a educação física como a depositária dessa cultura corporal, nos dias atuais, o resgate das formas de entendimento que se tem do corpo em diferentes momentos da história da humanidade pode contribuir para a compreensão sobre como se constrói uma prática e um entendimento sobre esse corpo que se expressam no modo de vida dos homens, e compreender como esse entendimento é transmitido às gerações futuras através das formas educacionais desenvolvidas em seu tempo.

Talvez não tenha existido outro momento histórico onde o homem tenha se ocupado tanto de seu corpo como agora. A vaidade e a busca pela beleza externa passaram a ser como que premissas de aceitação social. Isso vem formando uma legião de corpos **malhados**, músculos desenvolvidos, obsessões desportivas.

É quase que uma religião do corpo². Mas, por que isso vem acontecendo? Por que o corpo vem sendo alvo de tanta atenção, se o constante avanço da tecnologia põe à disposição das pessoas inúmeras possibilidades de viver com o mínimo esforço físico? Ou, ainda, por que o corpo é posto em evidência se o trabalho do corpo – um dos símbolos maiores do progresso desta sociedade – vem se tornando obsoleto para a produção de riquezas e/ou bens de consumo?

Uma resposta possível talvez se prenda ao fato de que, possivelmente, nenhum outro momento histórico tenha produzido tanto tempo social livre. O crescente avanço da tecnologia, a diminuição da jornada de trabalho e a tendência apontada pelos analistas quanto ao fim do trabalho tal como o conhecemos hoje (Druker, 1994; Rifkin, 1995) fazem com que os homens tenham mais tempo de lazer para dedicar a si mesmos. A esse aumento do tempo livre corresponde uma crescente demanda por uma estética corporal padronizada, uma beleza física ao alcance de todos. Mas, a resposta não parece residir apenas nesse aspecto.

Rifkin (1995) nos oferece outra alternativa ao analisar o impacto do avanço tecnológico no mundo do trabalho de modo a tornar a força humana obsoleta na produção material. Considerando a realidade americana que, sem dúvida, pode vir a se tornar, se já não estiver se tornando, a realidade de outras economias de mercado, diz o autor:

Os trabalhadores americanos foram levados a acreditar que, sendo cada vez mais produtivos, finalmente conseguiriam livrar-se do seu trabalho interminável. Agora, pela primeira vez, estão começando a perceber que muitas vezes ganhos de produtividade não levam a mais lazer, mas às filas de desemprego (Rifkin, 1995:44).

¹ Tomamos esse conceito no sentido expresso por Castellani Filho (1997:12) de que: "...a **cultura corporal** constitui-se como uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais, tais como a **dança**, o **jogo**, a **ginástica**, o **esporte** que, por sua vez, materializam-se, ganham forma, através das práticas corporais. Enquanto práticas sociais, refletem a atividade produtiva humana de buscar respostas às suas necessidades. Compete, assim, à educação física dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significado e de sentido, porquanto construídos historicamente".

² Sobre a construção de uma ideologia religiosa do corpo ver a obra de Codo e Senne (1986).

Dessa perspectiva, os ganhos que a tecnologia avançada está proporcionando podem ser ilusórios na medida em que tornam o trabalho humano desnecessário. Produzir mais com a ajuda do computador, da robótica ou da reengenharia pode significar a exclusão de inúmeros trabalhadores. Nesse movimento, tende a desaparecer a forma do trabalho corporal. Com isso, a preocupação com a estética pessoal tende a ficar submetida à lógica do mercado, que necessita criar novas opções de consumo, uma vez que a produção vem ganhando novas configurações.

Esse mercado nasce, por um lado, da atenção dispensada à estética pessoal nas diferentes alternativas de emprego que se abrem na atualidade, que terminam por exigir formas e padrões estéticos para o preenchimento de vagas de trabalho; e, por outro lado, há sinais de que o desemprego faz com que aumentem os cuidados com o corpo pois, uma vez que as formas e padrões estéticos se tornaram pré – requisitos para a obtenção de emprego, as pessoas tendem a preocupar-se com sua apresentação no momento de fazer uma entrevista.

A preocupação com o corpo não é, necessariamente, conquista da vaidade humana; a competição e as enormes possibilidades de uma sociedade que se moderniza em ritmo constante exigem das pessoas que se adaptem sempre a novas situações para que possam, assim, garantir a própria existência. A necessidade da competição é continuamente gerada na forma de organização capitalista neoliberal. Essa dinâmica imiscui-se na vida das pessoas, tornando a exclusão a lógica desse sistema. O mercado surge como regulador das relações entre as pessoas. O discurso produzido pelos teóricos neoliberais questiona a presença da esfera política nas relações sociais, econômicas e culturais, a pretexto de salvaguardar as liberdades individuais. Segundo Gentili:

Tal questionamento supõe, na perspectiva neoliberal, aceitar que uma sociedade pode ser

‘democrática’ sem a existência de certos mecanismos e critérios que promovem uma progressiva igualdade e que se concretizam na existência de um conjunto inalienável de direitos sociais e de uma série de instituições públicas nas quais tais direitos se materializam. Para os neoliberais, a democracia não tem nada a ver com isso. Ela é, simplesmente, um sistema político que deve permitir aos indivíduos desenvolver ao máximo sua inesgotável capacidade de livre escolha na única esfera que garante e potencializa a referida capacidade individual: o mercado (Gentili, 1996:19-20).

O mercado, regulador maior dessas relações, move-se através do poder econômico. A dinâmica dessa forma social não é, pode-se dizer, democrática, se entendermos por democracia a progressiva construção de condições de igualdade para todos os cidadãos³. As conquistas democráticas concretizadas ao longo da história recente da humanidade são resultado das lutas e embates de segmentos da sociedade que se levantaram contra as formas individualistas da economia de mercado, conquistas essas que, no Brasil, vêm sendo paulatinamente alienadas através de desregulamentações e privatizações de instituições públicas que deveriam garantir a concretização de uma igualdade democrática.

Ao se inserir nessa dinâmica social, ao nosso ver, a preocupação com o corpo torna-se mais que uma determinação meramente pessoal porque passa a ser uma exigência histórica de produção da existência, juntamente com os avanços tecnológicos e as concepções teórico – políticas que vêm indicando os destinos das nações do mundo (como a **globalização**, por exemplo)⁴.

Para a educação e, conseqüentemente, a educação física, faz-se importante refletir sobre

³ Sobre as diferenças capitais existentes entre a democracia e o liberalismo e, conseqüentemente, o neoliberalismo, e sobre a evolução histórica do termo e da idéia de democracia, consultar Moraes (s.d.).

⁴ A respeito desses conceitos, e sobre como eles têm se imiscuído no meio educacional, pode-se obter um bom panorama no livro de Silva (1996) e Gentili (1996).

como os acontecimentos mais gerais da sociedade estão influenciando nas formas pedagógicas dentro da escola. Vejamos, se o individualismo e a cultura quase religiosa de uma estética pessoal padronizada vêm sendo gerados no seio de uma sociedade individualista, com ênfase no mercado como mediador maior das relações, suas formas de educar também tendem a estar vinculadas à formação de indivíduos modelados para a dinâmica do mercado de trabalho, utilizando-se de técnicas e métodos empresariais que dão certo para o comércio de mercadorias ou, como nos diz Gentili (1996:25-6):

...o sistema educacional deve promover o que os neoliberais chamam de empregabilidade. Isto é, a capacidade flexível de adaptação individual às demandas do mercado de trabalho. A função 'social' da educação esgota-se neste ponto. Ela encontra o seu preciso limite no exato momento em que o indivíduo se lança ao mercado para lutar por um emprego.

A educação, no contexto neoliberal, deve preparar o indivíduo para aprender sozinho a se adaptar às mudanças tecnológicas constantes na sociedade de consumo. O indivíduo deve aprender a aprender, deve ser flexível, ágil, ser modelável. Seu corpo deve acompanhar essas exigências e ser capaz de adaptar-se e apresentar-se da forma mais aceitável possível para o mercado.

Para compreender por que o corpo se encontra em evidência, é importante situá-lo no mundo e no tempo. Para isso, impõe-se a necessidade de pensar situações passadas que determinaram a forma pela qual o corpo vem sendo concebido, deixando mais claras, na medida do possível, as contradições sociais que envolvem esse fascinante objeto de estudos.

O passado permite ver que esta preocupação com o corpo tem uma conotação mais ampla e não se circunscreve apenas à esfera do interesse individual. São nos períodos de transformações históricas que a vida e as concepções que os

homens têm de si e de seu corpo se alteram. Ir ao passado para melhor compreender os acontecimentos do presente significa um exercício de busca pelas bases nas quais se assentam as formas sociais. Significa aprender a trabalhar com as relações entre as práticas dos homens e suas necessidades educacionais.

As transformações no processo do trabalho, da origem da sociedade burguesa até nossos dias, mostra a tendência em substituir a força física pela mecânica, e em valorizar as qualidades individuais, entre elas a estética e o cuidado com o corpo. Essa tendência não se circunscreve apenas à esfera do interesse individual, mas demonstra as exigências sociais que se constroem no fazer diário dos homens ao lutar pela existência.

Com a intenção de aprofundar o conhecimento sobre essa tendência, buscamos em Locke (1632 – 1704) e em Rousseau (1712 – 1778) duas formas de conceber a formação do homem frente a emergência da sociedade capitalista, visando lançar luzes – para usar um termo corrente na época em que viveram esses autores – sobre alguns pontos do debate atual em relação a questão do corpo e a forma pela qual a educação (e, particularmente, a educação física) vem contribuindo para a formação de uma consciência e uma ética corporais ligadas à lógica social neoliberal.

EDUCAÇÃO: ENTRE O “HOMEM DE NEGÓCIOS” E O “HOMEM POLÍTICO” (OU O CIDADÃO)

Enquanto a sociedade feudal e sua concepção de homem sofrem um recuo considerável no século XVII, uma outra concepção de homem se impõe⁵. As formas de entender o mundo se modificam e o camponês servil não constitui mais o perfil ideal. A burguesia já estava suficientemente fortificada para empreender a elaboração de um arcabouço teórico que deveria servir de lastro para constituir uma posição efetivamente contrária àquela ocupada pela nobreza feudal⁶.

⁵ Sobre a emergência de um novo ideal de homem, ligado às necessidades projetadas pela nova forma social que se constrói, ver o artigo de Herold Jr. (1997:59-71).

⁶ Cf. Martins e Monteiro. Locke, vida e obra. In: **Os Pensadores**. V-XVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

As formas de produzir a existência passam a exigir um indivíduo livre dos mandos de um senhor feudal, preparado para as relações com outros povos para vender, comprar, trocar, enfim, livre para empreender seus próprios negócios ou seja, é o **homem de negócios**. Enquanto o homem medieval projetava sua felicidade para um mundo imaterial, o novo homem busca fazer de sua vida terrena algo melhor. O significado da vida vai se modificando em função das novas formas de produzir a existência.

A necessidade, posta por essas novas formas, de aprender sobre como se relacionar com os homens, afim de obter sucesso nas relações de comércio, levam ao estabelecimento de regras sociais. Entre esses costumes, estava a busca pelo aprimoramento pessoal com o intento de obter sucesso e riquezas nos ofícios desenvolvidos. Essas idéias eram traduzidas em preceitos educacionais, e dominavam o cenário histórico do século XVII. Como nos mostra Locke, o jovem devia ser conduzido por um preceptor que:

...ensinará seu discípulo a adivinhar as intenções dos homens com quem se relacione, a guardar-se de seus desígnios, sem ser desconfiados nem incrédulos em demasia (...). Que o acostume, sobretudo, na medida do possível, a julgar os homens com sanidade, segundo os signos que servem melhor para descobrir seu verdadeiro caráter, e que fazem penetrar em seu foro íntimo, os homens se mostram tal como são nas coisas mais pequenas, sobretudo quando não estão em guarda, e quando não estão, por assim dizer, em cena. Que lhes faça conhecer o mundo tal como é, e que os disponha a pensar que os

homens não são melhores nem piores, nem mais discretos nem mais loucos do que realmente são (Locke, 1986:127)⁷.

O aprimoramento pessoal passa pelo desenvolvimento da capacidade de conhecer os homens, criando a necessidade de aprender a julgar aquele com quem se negocia. A forma pela qual se aprende tal maneira de agir está ligada à educação dos indivíduos. É preciso desenvolver costumes sociais que confirmem o **homem de negócios**, conhecedor das intenções dos seus pares, até como forma de não ser enganado enquanto negocia. A educação deve partir da experiência, pois através das ações objetivadas (tornadas concretas) é que se aprende a agir no mundo. Para as formas educativas da época, estas ações são bastante revolucionárias, pois pressupõem o rompimento com uma forma educativa mais ligada à Igreja e à dinâmica feudal de produção da vida.

A educação é a preparação para o homem de negócios, interessado em suas possibilidades individuais de ser bem sucedido. Rousseau é autor de uma concepção diferente dessa. Para ele, a educação deve elevar o homem do estado de natureza, onde age como indivíduo solitário, até as **virtudes** do estado civil, do cidadão voltado ao coletivo de que faz parte⁸. É através da educação, em sentido amplo, que o **homem natural**, auto-suficiente, pode ser **desnaturado**, quer dizer, civilizado, e ser guiado para a vida em sociedade:

As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo (Rousseau, 1995:11).

⁷ “...enseñará a su discípulo a adivinar las intenciones de los hombres con quienes se relacione, a guardarse de sus desígnios, sin ser demasiado desconfiados ni demasiado incrédulos (...). Que lo acostumbre, sobre todo, en lo posible, a juzgar sanamente a los hombres, según los signos que sirven mejor para descubrir su verdadero carácter, y que nos hacen penetrar en su fuero interno: los hombres se muestran tal y como son en las cosas más pequeñas, sobre todo cuando no están en guardia, y cuando no están, por decirlo así, en escena. Que les haga conocer el mundo tal como es, y que los disponga a pensar que los hombres no son mejores ni peores, ni más discretos ni más locos de lo que son en realidad” (Locke, 1986:127).

⁸ Cf. Rousseau (1995:10-3).

É o homem que se dedica à sociedade toda, é o homem cidadão, o homem político. Em Rousseau, o homem de negócios é diminuído diante do homem político. Aquele é formado para ser individualista, este é o “homem total”, capaz de adaptar-se a qualquer mudança, e saber seu lugar na sociedade:

Pouco me importa se destinem meu aluno à espada, à igreja ou à barra. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu (Rousseau, 1995:14).

Este **homem total** deve ser educado para aprender mais interagindo com as coisas e com os homens do que aprender com os filósofos pois, aprendendo a ser homem pelas experiências oferecidas pela vida, ele se tornará melhor que os outros, porque terá aprendido a não ser bom nem mau, mas a ser cidadão. Assim, poderá compreender melhor até mesmo os filósofos, uma vez que poderá relacioná-los com seu mundo vivido, e daí tirar experiências úteis à sua vida.

Um homem capaz de adaptar-se a qualquer situação que a vida lhe imponha deve ser preparado, desde a mais tenra infância, a desenvolver todas as suas forças e saber utilizá-las com discernimento sempre que a isso for solicitado. Seu corpo, por exemplo, deve estar preparado para agir sob qualquer circunstância e desenvolver qualquer tarefa que lhe seja imposta.

Tanto em Locke quanto em Rousseau, a educação do corpo ocupa um lugar importante

na formação do indivíduo. Ela deve conferir harmonia entre as capacidades intelectuais (espirituais) e as capacidades físicas, vejamos o que ambos os autores dizem a esse respeito:

Quereis então cultivar a inteligência de vosso aluno; cultivai as forças que ela deve governar. Exercitai de contínuo seu corpo, tornai-o robusto e sadio, para torná-lo sábio e razoável, que ele trabalhe, aja, corra e grite, esteja sempre em movimento, que seja homem pelo vigor, e logo o será pela razão (Rousseau, 1995:129).

É um erro muito lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito, como se essas duas ações não devessem combinar e uma não devesse dirigir a outra! (Rousseau, 1995:130).

Àquele que dispõe de ambas as coisas resta muito pouco a desejar, àquele que falte uma ou outra não será feliz pelas vantagens que vier a desfrutar da outra parte. A felicidade e a desgraça do homem são, em grande parte, sua própria obra. Aquele que não dirige seu espírito sabiamente não tomará nunca o caminho correto, e aquele cujo corpo está enfermo e débil, nunca poderá avançar através dele (Locke, 1986:31)⁹.

O corpo completa a ação da inteligência razoável e sábia, desde que seja um corpo bem exercitado e, por isso, vigoroso e saudável. A disciplina do corpo corrobora com a do espírito e vice-versa. O corpo não é mais pecaminoso, imoral; ele é necessário ao homem que viaja, trabalha, enfrenta as intempéries da natureza e se relaciona com outros homens. Para tudo isso o corpo deve ser preparado por meio de exercícios.

⁹ Al que dispone de ambas as cosas e queda mui poco que desear, y al que le falten una u outra no será feliz por ventajas que disfrute por otra parte. La felicidad y la desgracia del hombre son, en gran parte, su propia obra. El que no dirige su espíritu sabiamente, no tomara nunca el camino derecho, y aquél cuyo cuerpo ea enfermizo y débil, nunca podrá avanza por ello (Locke, 1986:31).

Mas as semelhanças param por aí. O homem de Locke é o homem de negócios. O de Rousseau é o homem político (o cidadão). A diferença na concepção de homem faz com que os preceitos sobre educação do corpo sejam semelhantes, mas excludentes. Para um, o importante é a defesa da liberdade individual para aquisição de riquezas no mundo da competição e da conquista da propriedade privada¹⁰; para o outro, o importante é a liberdade individual limitada pela vontade e pela coletividade, que tem por pressuposto uma igualdade moral estabelecida pela convenção social¹¹. Embora o método seja semelhante, o objetivo final a que se propõem é oposto.

A saúde do corpo está diretamente ligada à produtividade do trabalho, que por sua vez aumenta a riqueza individual. Atividades físicas como nadar, caminhar ao ar livre, na chuva e no frio, usar roupas longas, etc. fortalecem o corpo e a alma para os embates da vida¹².

Não somente os impulsos biológicos estão contemplados, o corpo tem, agora, mais respeitados seus desejos, suas paixões não são mais pecados mortais, elas devem ser controladas pela razão:

O mal não é ter desejos apropriados às despesas e às idéias de cada idade, o mal é não saber submeter esses desejos às regras e às restrições da razão. A diferença não consiste em ter ou não ter paixões, mas em poder ou não governar-se, contrariar-se em sua satisfação. Aquele que não tenha contraído o hábito de submeter sua vontade à razão dos demais quando era jovem, terá grande trabalho em submeter-se a sua própria razão quando tiver idade de fazer uso dela (Locke 1986:68).

Se, em Locke, o exercício do corpo deve preparar o futuro **homem de negócios**, em Rousseau ele deve acompanhar o desenvolvimento natural do futuro cidadão. À

criança não deve ser vetado o direito de se movimentar conforme sua vontade, seu corpo não deve ser preso por faixas e roupas¹³. Movimentar-se é uma condição necessária do seu desenvolvimento, e sua vontade não deve ser submetida de nenhuma forma, a não ser aos limites de sua própria força, como nos diz o autor: “Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição, que procura fortalecer-se”(Rousseau, 1995:79).

Percebemos que a necessidade de movimento, em Locke, está em conformidade com o novo homem. Aquele que é livre para dispor de sua estrutura física como melhor lhe aprouver pode desenvolver suas aptidões pessoais na direção de acumular riquezas pessoais; em Rousseau, além disso, há lugar para o desenvolvimento do caráter e do sentido social das ações realizadas pelo cidadão.

O homem moderno necessita do conhecimento, fundamental nos negócios. E, para tanto, necessita um corpo vigoroso e saudável, que não lhe impeça de agir diante das situações inesperadas que se apresentarem.

Esse homem assim formado será capaz de agir diante de qualquer situação nova. A educação do corpo deve colaborar para que isso ocorra, seguindo o curso que a natureza dá à constituição de um corpo capaz de sair-se bem de todas as situações que a vida lhe impuser. “Esse é o meio de um dia obter o que acreditamos ser incompatível e o que quase todos os grandes homens reuniram, a força do corpo e a força da alma, a razão de um sábio e o vigor de um atleta” (Idid, 1995:132).

Ao pensar o aprimoramento do indivíduo através de atividades físicas que disciplinem tanto o corpo quanto a alma, Rousseau pensa como Locke e como os iluministas de sua época. Ao trazer o corpo para junto da alma e unir o material e o imaterial, ambos contrariam aquela forma de pensamento feudal que dissociava o corpo e a alma, tornando-os compartimentos irreconciliáveis. Ainda que continuem separados, neste momento admite-se que corpo e alma possam agir juntos no aprimoramento do

¹⁰ Cf. Locke (1983:82).

¹¹ Cf. Rousseau (1978:39).

¹² Cf. Locke (1986:35-64).

¹³ Cf. Rousseau (1995:54 e 142).

ser humano, pois os órgãos do corpo, junto com os sentidos, membros e tudo o mais, são os instrumentos utilizados pela inteligência para a criação de um mundo melhor aqui mesmo, na terra.

No entanto, diferente de Locke e dos iluministas de sua época, Rousseau vê no aprimoramento pessoal o aprimoramento coletivo dos homens. A igualdade que ele tanto procura está em aprimorar todos os homens. Enquanto que, para o pensamento liberal, cada um deve aprimorar-se o mais que puder para superar os demais nos negócios, para Rousseau o aprimoramento individual é uma busca coletiva para melhorar o homem e torná-lo mais apto a viver em sociedade, uma vez que esta não é sua condição natural; para o pensamento liberal, o homem é egoísta por natureza e, portanto, a sociedade deve garantir a esse homem a liberdade de acumular aquilo que puder, garantindo a propriedade de bens particulares¹⁴.

DO APRIMORAMENTO PARA O TRABALHO À ESTÉTICA CORPORAL

No corpo estão tatuados os ideais de homem que se tem a cada momento histórico. Quando o homem passa a ser visto como indivíduo, e a conceber o mundo como um dado de sua experiência, sua conformação corporal passa a ser a condição primeira para desenvolver outras qualidades (morais, intelectuais e éticas) com o objetivo de dar andamento à sua própria vida.

Com Locke, podemos perceber como uma forma de pensamento, ao lutar para tornar-se hegemônica, necessita compor uma estrutura teórica que possa se contrapor à forma anterior que não dá mais conta de responder às necessidades dos homens. Ele mostra a necessidade que se apresenta de formar indivíduos aptos a obter sucesso nos negócios particulares. Por isso, para o novo conceito de homem que se observa em Locke, o corpo deve ser saudável para assegurar o bom andamento do raciocínio em relação às conquistas individuais. Um corpo débil não permite que o homem avance. Já com Rousseau, percebemos que o

individualismo preconizado pelo projeto liberal tende a acentuar as desigualdades sociais na medida em que as formas que se estabelecem para produzir a existência assumem a dinâmica da satisfação dos desejos e caprichos pessoais. O ideal que em Rousseau se evidencia é o do homem político, cidadão, nascido das contradições observadas pelo autor em relação à sociedade da época. Por isso, sua idéia de corpo passa pela adaptabilidade às diversas situações da vida, pois que essa é a única forma de vencer as desigualdades. Para ser sábio é preciso ser saudável.

Sendo o trabalho corporal uma das formas pelas quais a sociedade burguesa se desenvolveu e sendo o desenvolvimento de tecnologias a condição para eliminar o trabalho exaustivo, é lícito pensar que o corpo tenha um lugar de destaque nas relações estabelecidas dentro dessa organização. No entanto, uma contradição se estabelece na atualidade: desemprego e ideal de corpo belo.

Essa contradição, iniciada já naqueles tempos, atinge hoje um ponto importante, onde cada um procura satisfazer seu próprio interesse diante das possibilidades que se apresentam em um mercado cada vez mais competitivo e excludente. Em relação à atenção dada ao corpo, o cuidado que se tem com ele hoje mudou muito em forma, mas não em conteúdo. Continua sendo uma iniciativa individual, exigida pelas necessidades e pela lógica da organização social; e permanece o aprimoramento para o trabalho, para uma profissão. Entretanto, o que era o desenvolvimento de um organismo saudável para melhor produzir e adaptar-se, agora se mostra como necessidade de compor uma estética corporal aceita no mercado de trabalho.

A contradição continua com o individualismo exacerbado, com a competição acirrada. O pensamento dominante é dirigido à satisfação dos desejos pessoais mais imediatos. Todas as condições que hoje se impõem, num mundo preocupado com a satisfação individual, levam as pessoas a consumirem tudo que diz respeito à obtenção de prazeres prometidos pelas formas comercializadas. O próprio corpo torna-se mercadoria neste contexto, mais ainda se

¹⁴ Cf. Locke (1983:33 à 218).

estiver em voga a questão do prazer pessoal, a satisfação imediata do indivíduo em relação às necessidades do cotidiano.

Não há dúvida de que a força física foi um sustentáculo do desenvolvimento da sociedade burguesa, o que justifica o destaque alcançado pelo corpo nas teorias educacionais. No entanto, observa-se que o desenvolvimento tecnológico, ao dispensar a força física do trabalho, transforma e dá novos contornos aos cuidados com o corpo. Agora, não só a eficiência desse mas também sua forma ganham importância no mercado de trabalho.

O avanço da tecnologia potencialmente seria o portador de melhores condições de vida. No entanto, cada vez mais as contradições sociais se acentuam e, aquilo que, pretensamente, viria tornar a vida mais fácil, acaba por potencializar as diferenças e excluir grande parte das pessoas dos prazeres e confortos prometidos pelas mudanças tecnológicas. Como encaminhar, enquanto educador, esta questão?

Faz-se necessário que a educação física encontre formas de trabalhar seus conteúdos, predominantemente relacionados ao movimento e ao corpo, como o esporte, por exemplo, sob uma perspectiva mais ampla e amparada em contextos históricos, pois que estes definem a forma pela qual determinada atividade ganha mais importância ou não no âmbito mais geral da sociedade. Não se trata de abolir essas atividades dos currículos, uma vez que são formas históricas produzidas pela humanidade e trazem em si a importância de um conhecimento acumulado ao longo dos séculos, além de serem expressão de uma sociedade e de um tempo.

Entretanto, não se pode abrir mão de suas implicações em um contexto mais amplo da organização social, uma vez que, como vimos, o desenvolvimento das capacidades físicas ou o interesse pelas questões do corpo parecem adquirir uma importância no conjunto da sociedade que ultrapassa o simples interesse individual ou a simples vaidade. Uma educação física que não inclua as determinações históricas de seus conteúdos corre o risco de colaborar

para a formação daquele indivíduo incapaz de perceber o movimento mais amplo de seu meio social e, conseqüentemente, incapaz de localizar-se em meio às mudanças que estão se fazendo nos embates históricos que hoje são travados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLANI FILHO, Lino. Projeto de reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta pedagógica para a educação física. **Revista da Educação Física/UEM**. 8(1):11-19, 1997.
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. **O que é corpo(latria)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DRUKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, Tomás T. da e GENTILI, Pablo. **Escola S. A., quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**, p. 09-49. Brasília: CNTE, 1996.
- HEROLD JÚNIOR, Carlos. A educação física do ponto de vista da história. **Revista da Educação Física/UEM**. 8(1):59-71, 1997.
- LOCKE, J. **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Ediciones Akal, 1986.
- LOCKE, J. Segundo tratado sobre o governo. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p. 33-131, 1983.
- MORAES, João Carlos K. Quartim de. A democracia: história e destino de uma idéia. **Revista Trimestral do Conselho Federal da OAB**. 50(19):07-35, s/d.
- RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos, o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: **Os Pensadores**, p. 201-320. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. Do contrato social. In: **Os Pensadores**, p. 03-145. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SILVA, Tomás Tadeu. O projeto educacional da nova direita e a retórica da qualidade total. In: SILVA, Tomás T. da e GENTILI, Pablo. **Escola S. A., quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**, p. 167-188. Brasília: CNTE, 1996.